



## ORGAN DOS INTERESSES HODIERNOS

Anno I

NATAL, 6 de Setembro de 1891

Num. 7

### PROSPECTO

Publicação bi-semanal.  
Assignaturas a 1:000 reis por trimestre  
pagos adiantadamente.  
Collaboração franca ao bello sexo.

## O Santelmo

Natal, 6 de Setembro de 1891

Quando fundámos a nossa empreza por meio deste pequeno periodico, não nos impuzemos a exaltar ou abatter, accusar ou defender qualquer grupo de personalidades sociaes, pelo contrario, não traçamos programma, o que nem mesmo agora o fazemos.

O que promettemos é seguir sempre a rotina de tudo aquillo que nos parecer util e proveitoso.

Havemos de seguir a doutrina imparcial pelos meios de justiça, julgando os acontecimentos e occorridos de uma fórma exclusivamente recta, mostrando a sim o trilho em que devem tranzitar aquelles que têm o pensamento livre, n'esta quadra de progresso e de liberdade.

Pretendemos, unicamente, bater as questões opinando pelo modo que julgarmos mais legitimo e verdadeiro.

Já foi um dia a epoca em que nós indifferentes ao progresso das liberdades, contentavamo-nos em soltar canticos ás *piegas* de um governo que já se *desencadeou*.

Nada! Suspiramos muitas vezes pela aurora do progresso de nossa patria, e essa aurora chegou-nos.

Agora, queremos— a ordem, união e progresso das classes.

E' nesse presupposto que entra hoje o nosso modesto *Santelmo* no segundo trimestre de sua jornada, agradecido e summamente penhorado pelo o acolhimento que lhe tem dispensado os seus dignos e leaes assignantes; e, convicto de não lhe ser jamais recusada a benevola acceitação de seus illustres leitores, nutre a certeza de grangear em sua segunda excursão, no caminho das lettras, um numero consideravel de sinceros e devotos apreciadores.

### « CATASTROPHE »

Com esta epigraphe, inserimos hoje em nossas columnas o inspirado soneto que o fulgurante estro do notavel poeta norte rio-grandense, Dr. M. Segundo Wanderley, consagra a memoria do desventurado democrata Dr. A. da Silva Jardim.

Esmaltando o nosso *Santelmo* com esta preciosidade litteraria occorre-nos o dever de chamar para ella a attenção dos nossos leitores.

### Governador do Estado

È aqui *anciosamente* esperado ao depois d'amanhã. E' o caso de dizer sem mais nem mais:— agora vamos vêr quem é *Moraes*. . . .

Vou aos páramos celestes, no dia 25 do mez findo, o innocente Manoel, dilecto filhinho do nosso amigo professor José Ildefonso Emerenciano, a quem apresentamos os nossos sentimentos.

PÁGINA MANCHADA

Falleceu também nesta capital, no dia 28 do mez p. p. quasi repentinamente, com setenta e tantos annos de idade, o capitão José Antonio de Souza Caldas, pai e avô dos nossos estimaveis amigos Comm.<sup>or</sup> Joaquim Guilherme e bacharel José G. de Souza Caldas.

Noticiando tão nefasto acontecimento, enviamos sinceros pezames a exm.<sup>a</sup> familia do finado.

### Despacho da redacção

Seu chico —

«Do palmito nasce a palma,  
Da palma nasce o palmito»,  
Quem p'ra o verso não tem alma  
E' melhor mudar de ritho...

### CATASTROPHE

A' memoria do invicto patriota

Silva Jardim

Evocado, talvez, por força estranha  
Assombrada de ver tanta victoria,  
Elle se arroja aos cimos da montanha  
Como attingira ao vertice da gloria!

Era grande de mais a sua empresa,  
Ia além da razão o seu intento;  
Mas não teme affrontar a natureza  
Quem consegue vencer o sentimento!

E quando assim sublime elle se erguia  
P'ra arrancar ao volcão a lava ardente  
E fulminar com ella a monarchia...

Basta! lhe brada a Voz da Magestade;  
E alli tombou, legando ao mundo inteiro  
SILVAS de luz, JARDINS de Liberdade!

Natal—1891

D.<sup>o</sup> Segundo W.

### PEROLAS SOLTAS

#### Serenata

Os dissonantes clarins da policia, alertados pelo lunatico e phantastico relógio da matriz, acabavam de avisar-nos de que haviam soado 9 horas (já excediam 20 minutos), deviamos guardar silencio, devia cessar o «fervet-opus» da populaça.

No serão de uma pequena choupana, sita á rua—B. n.<sup>o</sup> C—combinamos uma serenata que depois de percorrer varias ruas desta cidade, se dissolveria em um ponto, por nós convencionado, sendo para isto escolhi-

dora a extremidade sul da rua dos Tocos, ou Quintino Bocayeva, na rua Aurora, sim, 21 de Julho.

Aprestado, adubado, temperado em fim o instrumental, composto de duas flautas, dois violões e duas rabecas, puzemo-nos ao «alho da rua»; e lá se vai, perdendo-se no espaço os acordes melódiosos do nosso passatempo.

A rua do Vigario Bartholomeu foi percorrida sem o minimo incidente, reinando a maior harmonia, não só entre os passeiantes, como entre os instrumentos, que durante o trajecto d'aquella rua, fizeram acordar os seus habitantes e de toda a circumvisinhança com os deliciosos preludios de um «Cochicho» soberbo.

Eram 11 hs. quando, após muitas palestras amistosas, chegavamos á praça — João Manoel.

Até esse ponto in-tudo ás mil maravilhas; nenhum incidente imprevisto tinha vindo alterar a boa ordem da nossa excursão.

Ao descer, porem, o c a l g a m e n t o que comunica aquella praça com a rua da Cruz, o Joca, que naquella momenta fazia reboar no espaço a sua voz harmoniosa, ao cantar a «Mocidade e Morte» do inspiado bahiano, tropeça e lá se vai de arrojo por sobre um enorme montão de lixo que alguns moradores d'alli depositaram nas proximidades do calcamento, exclamando então, com o espirito folgazão que lhe é peculiar e sem interromper o final da estrophe que cantava:

«Adens!... arrasta-me uma voz sombria,

Cá do lixo, a razão me foge fria!»

Corremos todos para o pobre do Joca, que ao erguer-se fez nos saltar gostosa gargalhada, dizendo-nos: «Ven queixar-me á Intendencia, afim d'ella proceder contra semelhante «monstro»!

Após varios commentarios sobre o desastre, que em vez de «constitucional», classificámos de «lixoso», pozemo-nos de novo em marcha.

O Crispim, assestando aos labios sua flauta e o Lucrecio pegando do seu dengoso violão, deram começo á festejada e inspirada Walsa «A voz da Imprensa», produção de um jovem maestro da nossa terra e offerecida á redacção deste periodico, e, em poucos minutos os habitantes da praça — A. de Albuquerque, — tiveram de apreciar uma melodia da mais delirante execução.

Abramos aqui um parenthesis para tratar de um assumpto que por esquecimento tenho omitido até o presente. Refiro-me a illuminação publica.

Durante todo o trajecto de nossa excursão, um dos nossos companheiros de diversão teve a curiosidade de fazer mentalmente uma estatística dos lampeões accesos, q' apenas attingiram ao numero de 20! Des-

tes, 4 prestes a apagam-se e os demais completamente turvos e opacos, parecendo antes um cortejo lugubre de archotes funerarios, do que uma iluminação publica e q' tanto tem sugado nas tétas exangues do nos so cofre os seus rachiticos rendimentos.

Encerrando agora o parenthesis, convido o amavel leitor a ir commigo ao becco da matriz, assim de: reunindo-nos de novo á passeiata que se achá proxima á nossa "exposição quotidiana", continuarmos em nossa serenata pela risonha Praça da Alegria.

Depois de sorvermos um pouco de cognac nacional, pega Lucrecio a rabeca, -- o Quinquim seu violão; -- Os demais seguem o exemplo, -- canta o Joca uma canção.

Na referida praça, foi o Quinquim escolhido pelo acaso para ser a segunda victima da nossa passeiata, pois, ao passarmos proximo as gamelleiras que servem para aformozear a Praça d'Alegria, o pobre rapaz, que naquelle momento dedilhava com agillidade seus dedos por sobre as cordas do seu sonoro violão, mete um dos pés em um enorme pantano, que ali existe de agoas sujas e estagnadas e lá se vai o nosso amigo, como que se submergindo pela lama, de onde corre grande manada de suínos, que alli desfructavam as delicias de um banho nocturno.

Arredado da lama o nosso companheiro, cujas botinas e partes inferiores das calças ficaram completamente inutilizadas e da cõr dos lampeões da iluminação publica, verificámos que uma das cordas de sua «lira» havia se bi-partido, tornando-se portanto necessaria a acquisição de nova corda, mas como, se todas as vendas se achavão fechadas?

Esta objecção, ou interrogação, desapareceu com as seguintes palavras do Joca, as quaes foram por nós ouvidas attentamente: Vamos á casa do Zé da Lessa, que não obstantè ser 1 hora da manhã, deve estar com a venda aberta, como de costume; é italiano, amante dos «cobres»; e, para embolçar os nikes não se importa de viver com os olhos séccos, como a nossa fonte publica e nem liga importancia ás "lêzes" da nossa Intendencia; venham os «patacos», e, quanto ao mais.....

A asserção do que fica dito, está nas palavras do Joca que, sendo escolhido para a compra da corda, voltou, momentos depois, dizendo-nos — Zé da Lessa, pedio-me meia pataca pela corda; á muito custo ficou por seis vintens!...

Substituida a corda, continuamos a nossa rotina, succedendo-nos porém nova submersão em um alagadiço, que, dizem os antigos, existe na travessa de S. Antonio desde o tempo que Adão era cadete, sendo victima ainda o pobre do nosso Joca, que assim completava dois «naufragios»!...

Neste momento a rosa percursora do dia retirava com seus formosos dedos as espessas madeixas da noite e o rouxinal de lá das ramagens da laranjeira, mandava calar a nossa orchestra, para com seu cantico suave saudar o Creador.

Obedecemos, sem vacillar a melodiosa imposição do formoso passarinho e dissolvemos a passeiata no ponto convencionado.

A' instancias, porém, do Joca, que nos convidou para um banho, não nos dispersamos ainda desta vez, e, reunidos, acompanhámos aquelle cidadão até sua residencia.

Alli chegados, e, depois, de um bom trago de cognac dirigimo-nos para o banheiro, aonde uma penna d'agua avisava de dez em dez minutos ao deposito, por meio de pequenos pingos, de que no Baldo ainda existia agoa.

Em tres ou quatro canadas d'agua podemos, a custo nos «molhar», pedindo-nos o Joca mil desculpas pela escacez d'agua, queixando-se ao mesmo tempo de que paga mensalmente seis mil réis para "não ter agua" e que o seu *Maneles*, é bem pontual na visita mensal á sua casa!

Assim terminou a nossa «serenata», não tendo, porém, reinado muita harmonia ao finalizar-se, o Quinquim, não sei porque, entrou, após o banho, em polemicas com o Joca, que, por se achar em sua residencia, disse-lhe varias *hamabilidades*, chamando-o até *cat-ke-ché*, que como sabe o nosso bom leitor, é o «*individe ordas, pusilame, cubárdo, sevandiz, infamo, etc...*» (!!)

Um filho da Paulicéa

## CHROMO

Quando eu passo a tardinha  
Pela porta da PEQUENA,  
E alli vejo-a sosinha  
Qual deslumbrante phalena;

Sinto-me então venturoso,  
Tenho esperauça, mais vida,  
E volvo um olhar saudoso  
A' minha Déa querida.

Seus pomos bellos palpitam,  
Seus lindos olhos me fitam,  
Porém meu peito é descrente;

Meu coração não suspira,  
Meu pensamento delira  
Emquanto a tenho na mente.

Jordão do Valle

ILEGÍVEL

PÁGINA MANCHADA

## A PEDIDO

### Recordação

Maria era uma imagem de belleza, um anjo de bondade que entoava hymnos de gloria ao poderoso Creador do Universo.

Eu a amava.

Era ella a minha vida, minha consolação, minha esperança neste mundo cheio de mentiras e ingratições.

Feliz, muito feliz eu me julgava, quando meu coração a amou... mas a sorte austera mudou, e deste amor tão casto e tão puro resultou a minha desventura... Ella morreu! A estrella matutina de minha vida apagou-se; a esperança fagueira de meu futuro eclipsou-se para sempre!

Ainda me lembro d'aquellas mimosas e encantadoras tardes do mez de abril, em que a divulgava assentada em uma pedra de seu perfumoso jardim contemplando uma rosa ou admirando a plumagem multicolor do innocente beija-flor!

Ainda me lembro d'aquelles momentos de felicidade em que juntos conversavamos sobre esse amor sagrado; ainda diviso um sorriso nos seus labios virginaes; ainda ouço ella pronunciar estas palavras: « Amo-te! Tu és a minha unica esperança!... »

Não, não é crível que aquella que era tão bella e tão pura tenha desaparecido do face da terra! Porém aquelle corpo inanimado, aquellas faces pallidas, aquellos olhos sem luz, aquellos cabellos em desalinho?! Oh! sim...

Maria já não existe!.. morreu fatalmente quando o albor de uma vida feliz e venturosa surgia-nos auspicioso e prazenteiro!

Hoje existe para Maria o ceo e o tumulo, e para mim? ...

—A' saudade a pungir-me dentro d'alma,  
Torturando-me a crença e a razão,  
A lembrança indelevel na memoria,  
Ralando-me de dor o coração!

V. Benevides

Jose' Ildeffonso Emerenciano, penhorado para com todas as pessoas que se dignaram acompanhar ao cemiterio publico deste Estado, o corpo do seu innocente filhinho Manoel Adelio Emerenciano, fallecido á 24 do corrente, agradece-lhes pela imprensa este caridoso obsequio, protestando-lhes sua eterna gratidão. Natal, 25—agosto—1891.

## Teus olhos

Os teus olhos, Falustreca,  
Tem mais brilho que as estrellas,  
São do amor as centelhas,  
Olhos levados da brecca.

E quando dou-te uma sécca,  
De fogo, murcha as orelhas,  
Pois c'os olhos me aconselhas  
O santo amor quando pécca.

Olhares brilhantes, ternos  
Que tu me deitas assim  
Leva minh'alma aos infernos.

Falustreca... ou, diabo..  
Não olhes mais para mim,  
Senão doido é que eu acabo.

Polycarpo Borundanga

## Triolets

Foi no cóllo de uma moça  
Que um macaco falleceu,  
Ali quietinho de seu...  
Foi no collo de uma moça;  
Pelo destino da força,  
Caso fatal succedeu,  
Foi no collo de uma moça  
Que um macaco falleceu.

Ah! quem me dera ser vivo  
Onde o macaco morreu!  
Onde o desastre se deu.  
Ah! quem me dera ser vivo!  
Acharia um lenitivo  
Quem de amor tanto soffreu,  
Ah! quem me dera ser vivo  
Onde o macaco morreu!

## Decifrações

Desta vez faltaram os nossos decifradores, isto é, nem um delles remetteu as decifrações das charadas, anagramma de nosso n.º passado; apenas a Exmª Sra. D. Alzira V. da Cruz remetteu-nos as seguintes:

Anagramma enygmatico --  
Santelmo

Charadas em quadro:

1.ª

Favo - Anel - Veio - Olor.

2.ª

Apus - Pilo - Ulna - Soão.

Imp. na Typ. Central



## ORGÃO DOS INTERESSES HODIERNOS

Anno I

NATAL, 27 de Setembro de 1891

Num. 8

### PROSPERO

Publicação bi-semanal.  
Assignaturas a 1:000 reis por trimestre  
pagos adiantadamente.  
Collaboração franca ao bello sexo.

## O Santelmo

### Trabalhemos

III

Os subservientes e especuladores ou prepostos dos que procuravam firmar a sua omnipotencia na humilhação do povo assoalham no malvado intuito de arredar os incautos e inexperientes da verdadeira posição do bom cidadão que a nação brasileira é incapaz de abnegações, de resistencias e sacrificios.

Nós entendemos que a pécha não deve passar sem o devido protesto.

A historia e os factos de todos os tempos não autorizam, não abrem o menor espaço para tão vergonhosa asserção.

Se brasileiros ha tão fracos, tão covardes são sem duvida os que fazem tão estravagante conceito a respeito de seus patrios.

Semelhante pécha é como a pedra atirada a muralha, volta para o lado d'onde partiu.

Compaixão para esses typos que suppoem representar a nação brasileira; que a julgam por si e pelo que lhe vai no «bestunto», na «cachola» desconjunctada.

Os brasileiros por certo não pegam em armas, não assestão baterias por qualquer cousa, porem tão bello e nobre procedimento só revela muita sensatez, intelligencia e bom coração.

A nação brasileira é essencialmente democratica, e por isso mesmo que é democratica para chegar a concretisação de seus bellos ideaes, é muitas vezes tolerante, não procura a guerra, prefere a paz. Prefere a paz, mas não se resigna á uma completa inacção, não esmorece perante os obstaculos que lhe jogam no seu caminho para o pro-

gresso; para a liberdade; e nos casos extremos ou offendida em seus brios, não tem medo de caretas, de phantasmas, atira-se encorajadamente no campo da batalha e tem mais heroicidade do que o leão.

Se os inimigos da liberdade conseguem retardar a realisação de seu desideratum, ella retempera-se de forças, e a victoria é certa, esplendida, admiravel.

O caracter americano, não se conforma com a inercia, com o servilismo, com a prepotencia dos despotas, dos aventureiros, e o povo brasileiro tambem é americano, tambem vive sob o ceo da America, o sanctuario da verdadeira democracia, e o povo brasileiro tambem vive da febre das ideas grandes, fecundas, luminosas.

Que importa as excepções, que importa os que não podem ou não tem recursos para affrontar as grandes adversidades? Que importa que umas dezenas de pollitqueiros politicos que levaram a vida corvejando sobre os cofres publicos e envernizando ás escadarias do palacio imperial, tenham hoje maior cynismo para repetir o mesmo trabalho nos cofres da Republica e no palacio de Itamaraty? Que importa os que no ostracismo sabem fingir-se santos, e no poder torção-se villões, pretenciosos, infatuados, desfructaveis? Que importa que alguns representantes do poder aproveitando-se dos momentos em que a nação está cheia de confiança, em calma ou descanso pratiquem actos abusivos, tergiversações negras, prejudiciaes? Que importa que um ministro ou outra qualquer autoridade faça o contrario do que pregou, repita as scenas repellentes que lhe causavam indignação; calque aos pés a lei, a liberdade, a justiça a que tem direito todo o cidadão? Que importa estes atrophiados pela acção deleteria do regimeu condemnado? Que importa estes degenerados se não constituem a maioria, se não representam o povo? !...

As brilhantes paginas da historia estão cheias de nomes que tem o brilho das estrellas; nomes de valentes e extrenuos brasileiros que em diferentes epochas e em fervidos recontros sacrificaram a vida pela patria com sublime e inexcédível heroismo, e a quem devemos os poucos e fugitivos raios de liberdade que a contra gosto de alguns

ILEGÍVEL

PÁGINA MANCHADA

t y pos ainda cortam a nossa atmosphera.

Na lucta travada com os hollandezes cada brasileiro era um heróe, um bravo das Termópilas. Preferiam morrer a entregar-se ao inimigo: «preferiam render-se a morte para se tornarem immortaes».

Na guerra do Paraguay quanta abnegação, quanto civismo!

Quem não se lembra dos prodigios de valor operados pelos brasileiros em terras do Paraguay?

Quem não se lembra das phalanges e phalanges de voluntarios que reanimados de um sublime enthusiasmo patriotico embarcaram para o campo da batalha, esquecendo o lar, a familia e cerrando os olhos as lagrimas dos que lhes consagravam todo amor e amizade?

Dizer-se que os brasileiros são incapazes de resistencias e sacrificios é fazer-se uma clamorosa injustiça, é querer enfeixar na mão todos os raios do sol.

A monarchia a pezar do seu despotismo, de suas artimanhas e deslumbrantes exterioridades não conseguiu radicar-se no espirito de todos os brasileiros, e só esteve em paz, sem receios em quanto pôde aninhar-se nas brumas da geral ignorancia.

(Cont.)

### Pelo correio

O publico, em cujo dominio já se acha o facto do desaparecimento na repartição dos correios, de um malote com 125\$ réis, não cansa nas continuas interrogações:

—Porque o sr. Amador de barro não tem lançado bem as vistas sobre um seu companheiro de immigração, um tal Patriota, sobre o qual recahem graves suspeitas?

—Porque não trata de investigar as historiasinhas dos sêllos, amstras de fazendas e registrados?

—Outros empregados de cuja honestidade não ha que duvidar, já foram suspensos, porque não o é seu parente e camarada?!... —

Factos desta ordem muito depõe da repartição sob sua jurisdicção, e nunca tiveram lugar antes da vinda do sr. de Patriota.

Os demais empregados do correio são incapazes de cousas desta ordem.

Já se prophetisa que o desenlace de tal questão — é ser demittido

um dos carteiros para encartar-se o patriotismo.

Saiba, porém, o sr. Amador — que no Natal ha imprensa capaz de chamar á contas qualquer safardão...

Si for preciso voltaremos ao assumpto.

### D. Adelayde Camara

Acaba de abrir uma aula mixta-primaria esta intelligente joven natalense.

Não regateamos louvores a tão patriotica ideia; entretanto não temos em vista recommendar o novo curso, uma vez que não ha melhor recommendação para elle do que o reconhecido talento, amor a instrucção e dedicação ás lettras de que dispõe a illustre professora.

A abertura do nosso Congresso legislativo teve lugar a 20 do cadente mez. O cidadão Presidente do Estado fez a leitura da mensagem apresentada ao mesmo Congresso, tocando aqui e ali em diversos pontos das mais palpitantes reformas que anhelamos.

Fazemos votos para que os representantes do povo rio-grandense, tendo em vista á causa da patria, legislem o levantamento do Rio G. do Norte.

Deixou-nos em dias do mez passado o Dr. João Lindolpho Camara, que d'aqui partio com sua exm<sup>a</sup> familia com destino ao Pará, onde vai ter exercicio na alfandega d'aquelle Estado.

Depois de uma auzencia de 15 annos chegou do Estado de Minas Geraes, para esta capital, o nosso conterraneo, cidadão Pedro Paulo Vieira de Mello Filho, a quem comprimmentamos.

A' bordo do "Jacuhy" partio com sua exm. familia, para Maranguape no Estado do Ceará, o nosso patricio e amigo Joaquim Damasceno de Albuquerque, à quem desejamos feliz viagem.

Regressou da cidade do Assú para esta capital, com sua respeitabilíssima família o nosso sympathico amigo cidadão Manoel Lins Caldas Sobrinho, á quem affectuosamente comprimentamos.

---Depois de um curto passeio nesta cidade, seguiram para a do Assú, os nossos conterraneos e amigos Minervino Lins Wanderley e João Celso da Silveira.

Prospera e feliz jornada lhes desejamos.

+

### !! Chuva de burros !!

Notabilissimas chuvas tem sido assumpto dos noticiarios de muitos jornaes do Brazil e do estrangeiro.

E' assim que sabemos de chuvas de—lagartas, gafanhotos, abelhas, etc; entretanto aqui no Natal, ha uma chuva periodica que não merece menos attenção da imprensa.

Esta chuva tem lugar duas vezes por anno. E' a chuva de burros de que nos occupamos. Esses burros são simplesmente cascabulhos que vêm de diferentes Estados filiar exame neste.

Mas deixemos as chuvas e vamos aos exames. Esses vagabundos que deixão seus lares e, sem encarar incmodos e despesas aqui aportam para fazer exames, podem saber alguma cousa?

Nem patavina.

Appellamos, pois, para os senhores examinadores, para que levantem neste ponto os brios do Rio Grande do Norte.

Reprovação nestes malandros, que nada sabem e que veem aqui para nos envergonhar nos outros Estados

*Fogo nos bichos!*

+

### DEMISSÃO

O Sr. Amador de barro, administrador dos correios deste Estado, demittio hontem á hora extrema do expediente daquelle repartição o activo estafeta Pedro de A. Viveiros, somente pelo facto de ter accusado o estafeta Pedro B. Patriota no aucto de perguntas, por falcaturas de sêllos na mesma repartição.

O sr. Amador de barro, não tendo um só ponto á encarar para demittir aquelle empregado, baseou-se em lavrar a portaria de demissão allegando motivo de não ter o supplicante se habilitado no concurso para o lugar de praticante que se effectnou na mesma repartição em o mez de abril p. p.

Agora pergunta-se ao administrador de Barros: —Podia s. demittir um simples

estafeta por não ter sido habilitado no concurso para o lugar de praticante?

Veja bem o publico brasileiro quem está administrando a repartição dos correios do Estado do Rio Grande do Norte !! ..

Pedem-nos a publicação das seguintes linhas, o que fazemos sem commentario:

«Consta que no bairro da Ribeira acha-se em vias de organização um novo *ministerio* para em *futuras eras* derrotar dois praticos da associação da praticagem, sobre a direcção da empresa—*Henrique Gomes & Filgueira*. Esta empresa é cousa de metter medo á todos os enfermos que têm succumbido nesta cidade, e a quantos tenham de fallecer até a vinda desta futura *araújada practica*... *Treme a terra, os ceos trocejam* sobre

*A cabeça do negro.*»

Na cidade de Mossoró, installou-se a 13 do corrente, um *Club Dramatico Familiar*, ficando sua directoria assim *organizada*:

Presidente—*José Pedro de C. Villas Boas*.

Vice-presidentes -- *Aderaldo Zozimo de Freitas* e *Jeronymo Rosado*.

Secretarios -- *João Sisenando Pinheiro* e *Hermogenes Ernesto Fernandes*.

Thesoureiro-- *Vicente José Fernandes*.

Commissão fiscal-- *Silvio Policiano de Miranda*, *M. Cyrillo dos Santos* e *Antonio Pompilio de Albuquerque*.

Directores-- *João C. Wanderley Sobrinho*, *Rufino da Silva Caldas*, *Miguel Pinto de A. Castro*, *Canuto A. Bezerra*, *Aderaldo José de Oliv. Leite* e *Olyntho Lopes Galvão*.

### 125 \$ 000 !!

O sr. *Fulano de Tal dos Anzoes Come-sêllo*, deve recolher á caixa das postalidades a quantia de cento e vinte cinco mil réis, que por *descuido* almocrevou ou *caqueou* muito propositalmente de um malote, como ajuda de custo de sua retornado Recife para o Natal, e bem assim vomitar os sêllos que tem engolido . . . Isto emquanto sopram "galernos ventos" . . . . .

ILEGÍVEL

PÁGINA MANCHADA

## PEROLAS SOLTAS

## Sombras

A' Eugenio de M.

Quando de manhã, formosa  
Surge a aurora vagarosa,  
Revestida de esplendores ;  
Após me vem a saudade  
Da minha passada idade,  
Em que não sentia amores.

Como é sublime a existencia,  
Quando n'alma tem-se ausencia  
De toda illusão do amor ! . . .  
Tem d'ave a doce harmonia,  
Tem da natura a magia,  
Tem a innocencia da flor.

Hoje, porem, minha vida,  
E' como a nota perdida  
Que tem por echo a tristesa ;  
Luto com a morte na mente,  
Vivo no mundo descrente  
Onde só reina a incertesa.

E' como a flor desmaiada,  
Murchando n'aste isolada,  
Pelos rigores do sol ;  
Ou como a ave cançada  
Que procura fatigada  
A luz doce do arrebol.

Ah ! se eu pudesse nest'hora  
Reviver a doce aurora  
<Da minha infancia querida ! > . . .  
Riscaria um pensamento  
Que me serve de tormento  
Nas horas de minha vida.

Natal—agosto de 91. F. V.

## Que primor!...

Sempre foi o meu pensar  
Que tu és linda e formosa,  
Que tua bocca é uma rosa  
Se abrindo á luz do luar ;  
Que o fulgor do teu olhar,  
Tua trança perfumosa,  
Que se enlaça graciosa  
Nas per'las do teu collar,  
São encantos que me prendem  
E ao meu coração acendem  
O fogo de um santo amor.  
Mas o que mais me fascina  
E' o teu collo, Celina,  
Como hontem o vi...que primor!

19—8—91

Alfredus

## Desengano

A' . . .

Mulher, não creias que te amei um dia,  
Nem um instante te desejo amar ;  
Mas quantas vezes me disseste : — amo-te,  
Quando mirava-me em teu doce olhar !..

E como dizes que um momento só  
Não procuravas contemplar-me não ;  
Oh! como és louca que o passado occultas,  
Porque juraste o teu amor em vão ? !

Se eu te volvesse um olhar sincero,  
Votasse um riso do meu puro amor,  
Seria louco desprezar tão cedo  
Na vida o nome que se diz—pudor...

Como te enganas !.. não curvei-me nunca  
Aos vãos protestos que te vi jurar,  
O amor é santo, não traduz-se, oh! louca,  
Nos fingimentos de um sorriso alvar !

Segue o teu fado, o teu destino segue,  
Não prezes nunca o virginal pudor ;  
Occulta as manchas do teu véo impuro  
Entre as cortinas de um fatal amor !..

Oh ! que pensas ? . . o que dizes louca ? !..  
Que muitas vezes procurei fitar-te ? !..  
Ah! não supponhas que busquei-te um dia,  
Eu não sou louco que deseje amar-te ! .

João Elycio Freire

Macahyba, 15 de agosto de 1891

## Scena de amor

Já passava das dez. Ella dormia,  
Emquanto o triste, o desgraçado amante  
Na dura porta com furor batia. . .

E dentro a bella nem siquer ouvia,  
E fóra o cujo a se tornar massante . . .

Mas, que somno pesado ! Elle dizia  
Ao mesmo tempo que esmurrava a porta,  
Emquanto a chuva sobre si cahia . . .

E dentro a bella nem siquer ouvia,  
E fóra o cujo tinha a esp'rança morta !

Por fim convicto de que não veria  
Naquella noite a sensual miragem  
Na dura porta já não mais batia . . .

Mas de mansinho a recitar dizia :  
< Dormes ? e eu vélo seductora imagem..

(Extr.)



Imp. na Typ. Central

ILEGÍVEL

PÁGINA MANCHADA